

MEMORIAL

Marilda Lopes Ginez de Lara

**Memorial apresentado para o
Concurso Público para o cargo de Professor Doutor
Departamento de Biblioteconomia e Documentação
Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo.**

São Paulo

SUMÁRIO

Parte A: Seleção de fatos memoriados

Parte B: Curriculum vitae (circunstanciado)

PARTE A: Seleção de fatos memorizados

MEMORIAL

PARTE A: Seleção de fatos memoriados

Apresentação

O exercício de memória é, de forma inequívoca, uma filtragem. Do contrário, seríamos como Funes (de Borges), paralisado exatamente porque se lembrava de tudo após seu tombo do cavalo. Felizmente, por um lado, não conservamos em nossa memória todas as histórias e imagens de nossa experiência passada. Infelizmente, por outro, já que fatalmente, perdemos referências importantes.

É certo, porém, que ao nos debruçarmos sobre nossa história, não trazemos os fatos tal como de fato aconteceram, mas os reescrevemos à luz de nossa experiência atual. Minha memória é, então, verdadeira? Minha memória é aquilo que seleciono, relaciono, construo e reconstruo a cada momento. Procurarei registrar, aqui, uma pequena parte dessa seleção.

1. Da Faculdade à vida profissional

Minha entrada na Universidade se deu em 1969, quando comecei a cursar Ciências Sociais na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A época era muito tensa: a "Filosofia" acabara de se instalar nos barracões da Cidade Universitária após o agitado 68 na Maria Antonia, e vivíamos tempos bastante difíceis de perseguição política. Nervos à flor da pele, como tantos companheiros, não saí do país. Depois de ter passado pelos porões do DOI-CODI, enfrentei dificuldades para cursar a Universidade (às vezes mais imaginárias do que reais). Interrompi meu curso, tentei voltar no ano seguinte, mas acabei desistindo de prosseguir.

Necessário trabalhar. Procurei um curso que me possibilitasse, com maior rapidez, entrar no mercado de trabalho fugindo da condição de bancária, alternativa duramente experimentada mais de uma vez. Cursei Biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Minha inserção no mercado profissional se deu durante o desenvolvimento do curso, quando pude realizar estágio na Biblioteca Mário de Andrade e exercer a função de auxiliar na Biblioteca da Escola Dominicana de Teologia. Desta última, guardo boas e tristes lembranças: boas, porque aí tive muitos amigos (minha chefe, Vera Tokairim, com quem aprendi a dar os primeiros passos na profissão; frei João Baptista, expressão de alegria, vitalidade e coragem; frei Márcio, hoje prior dos dominicanos, em seu início de carreira; D. Tomás Balduino, D. Pedro Casaldáliga e muitos outros que me cativavam por sua força e simplicidade); tristes, quando vivenci toda a tensão que rondava o Convento dos Dominicanos, desde a prisão de vários freis à morte de frei Tito, na Europa.

Em 1975, com uma experiência profissional que me dava certa segurança, inscrevi-me em concurso público para preenchimento de vaga de bibliotecários na Universidade de São Paulo. Aprovada, assumi meu cargo no Instituto de Psicologia onde, pela primeira vez, trabalhei com um tesouro, gênero de linguagem documentária que seria minha principal preocupação anos depois. Porém não fiquei aí por muito tempo.

Fui para a Secretaria de Economia e Planejamento já em 1977, voltando a trabalhar com a Vera, do Convento. Como documentalista, tive o privilégio de montar uma unidade de informação praticamente do zero, fazendo, de um amontoado de livros, revistas, relatórios e a partir de uma proposta institucional, um acervo voltado à informação para o planejamento - o CIDOC, que seria o embrião de muitos trabalhos futuros.

Particpei, então, de uma experiência significativa: a montagem do Serviço de Perguntas e Respostas - SPR, por telefone, instalado inicialmente no Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado, serviço esse pioneiro no Brasil. De fato, inaugurou-se aí um novo padrão de trabalho documentário que iria influenciar a construção de muitos outros pelo

Brasil afora. Na mesma ocasião, participei também da montagem da Sala de Situação, no mesmo Palácio dos Bandeirantes, cuja função era a de informar o governador e seu primeiro escalão sobre o andamento das realizações da administração nos municípios do Estado.

Essas duas experiências me marcaram profundamente. Delas nasceu a Central de Dados e Referências que, em 1978, absorveria o Cidoc e assimilaria o SPR. Desenvolveu-se aí parte significativa de minha formação profissional e que muito contribuiu para a minha atividade de pesquisa e ensino que seria iniciada na Universidade de São Paulo anos mais tarde. Na CDR participei da montagem do sistema de informações sobre o Estado de São Paulo - o Sistema Estadual de Análise de Dados - que daria origem, no ano seguinte, à Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.

À base do SEADE estava o projeto de desenvolver uma rede de informações que funcionasse de forma integrada. O projeto foi elaborado a partir do resultado de diagnósticos realizados em várias Secretarias, instrumentos que permitiram detectar a situação de geração, fluxo e disseminação da informação no Estado. Foram identificadas duplicações de coleta, desvios de atribuições e carências na produção de informações que, acreditava-se, poderiam ser resolvidas a partir de um planejamento integrado. A elaboração desses diagnósticos, das propostas de implantação de Centros de Informação especializados no interior de cada órgão do Estado e, em última análise, da proposta do Sistema como um todo, foram realizados a partir de discussão e definição de metodologias de trabalho pautadas na importância de promover a democratização da informação.

Exageros à parte, o parâmetro de trabalho utilizado para a criação do Sistema significou, para mim, uma referência de extrema importância, particularmente no que se refere ao modo de conceber e construir a informação. Como resultado dos diagnósticos, por exemplo, desenhou-se uma malha de informações setoriais cujo princípio básico era o de mostrar a interdependência entre informações de vários setores. Cada dado era concebido como a resultante do cruzamento de inúmeras variáveis: uma informação de saúde não

poderia ser concebida sem a concorrência dos dados de saneamento, de educação ou de distribuição de renda. Esse parâmetro servia de base não só à definição de redirecionamentos de coleta, como também refletia-se no modo como trabalhávamos a análise da documentação na CDR. Retomaríamos tais malhas de informação anos mais tarde, na nossa dissertação de Mestrado.

No âmbito da CDR, coordenei o Núcleo de Apoio Técnico, experiência que me permitiu trabalhar com informação bibliográfica e não-bibliográfica. Ao participar da organização de informações estatísticas, pude perceber o quanto minha graduação tinha sido tradicional. Aprendi muito ao lidar com indicadores básicos para a identificação da situação sócio-econômica e política, percebendo, principalmente, que os dados estatísticos não são informações estáticas e isoladas, mas construções que ganham este ou outro sentido a partir do enfoque sob o qual são observados. A sua organização (do ponto de vista documentário), não pode prescindir da análise sobre seus vários níveis de ordenação.

Ainda na coordenação do Núcleo, em 1982 tive a oportunidade de participar da implantação do Sistema de Documentação sobre População no Brasil - DOCPOP, sob a orientação de especialista do Centro Latinoamericano de População, vinculado à CEPAL. Primeiro sistema no Brasil a utilizar o software ISIS, o DOCPOP é uma base nacional que reúne referências acompanhadas de resumo e indexação sobre a produção bibliográfica publicada em português sobre o assunto. Das muitas coisas que aprendi neste período, vale lembrar a nova perspectiva sobre o registro físico de documentos, já que a criação da base permitiu verificar a importância de compreender o conjunto de itens a representar sob a ótica estrutural.

A experiência do DOCPOP fez surgir o DOCCDR, Base de Dados Bibliográfica sobre Informação Sócio-Econômica, do que derivou um empreendimento embrionário de construção de linguagem documentária, cujo referencial principal foi o Macrothesaurus da OCDE. Ficaram evidentes, nesse momento, os muitos problemas de tradução e

adaptação de tesouros, frente aos quais minha frágil fundamentação teórica não permitia avançar.

Em 1987, assumi a Chefia da Central de Dados e Referências. Foi um período que me trouxe grandes desafios e oportunidades na tarefa de discutir as funções do departamento, de abrir novas frentes de trabalho, criar produtos informacionais diferentes e de enfrentar uma situação nova: gerenciar recursos humanos. Sofri muito, aprendi muito: não sobrava tempo para me envolver com o que, eu havia percebido, mais me fascinava: o trabalho de construção de vocabulários.

O registro e comunicação de parte dessa experiência se deu, basicamente, a partir da participação em seminários e congressos. São relativos à época do SEADE alguns artigos, relacionados no curriculum, que tinham como objetivo principal a discussão das formas de organização de centrais de informação. O último desses textos - Retomando um velho tema: o mito da neutralidade na análise documentária, elaborado em conjunto com Sylvia Cioffi e apresentado durante o Congreso Internacional de Información Científica y Tecnológica, em Havana, 1988 - certamente ajudou na minha admissão como aluna de pós graduação na ECA, já que tocava num aspecto nem sempre enfrentado pela área: o caráter ideológico do trabalho documentário.

Fruto de manuseio de dados estatísticos, publiquei e coordenei trabalhos fora da área de Documentação, envolvendo a discussão de informações de natureza sócio-econômica: com Oswaldo Guizzardi Filho, sobre a caracterização do homem do campo no Estado de São Paulo; como coordenadora de trabalho, "Brasil/São Paulo: uma comparação sócio-econômica", além de duas edições da "Relação de nomes, cargos e endereços do Governo do Estado de São Paulo (11a. e 12a.edições). Embora não diretamente relacionados à Documentação, estes trabalhos foram de fundamental importância quanto à experiência editorial, desde a seleção dos dados, até a organização final das publicações.

Considero que a experiência profissional na Fundação SEADE foi muito rica. Ela me permitiu, também, conhecer a organização burocrática do Estado com todas as suas

idiosincrasias. Dentre as atividades que desenvolvi, entretanto, aquelas voltadas à definição de metodologias para o tratamento e recuperação de informações foram as que mais me influenciaram na escolha de um novo caminho: minha dedicação à pesquisa e ensino na área de Análise Documentária.

Devo acrescentar, também, que como integrante da Fundação SEADE, fui convidada a participar de Grupos de Trabalho inter-institucionais, como por exemplo, do Grupo de Gerenciamento de Informação do Programa Metropolitano de Saúde (com apoio do Banco Mundial), coordenado pelas Secretarias Estadual e Municipal de Saúde de 1984 a 1985, o que me proporcionou a oportunidade de discutir problemas de gestão da informação em equipes multidisciplinares.

Se por um lado meu envolvimento com a gestão de uma unidade informacional ocupava praticamente todo o meu tempo, por outro, ele foi vital para que eu passasse a pensar seriamente numa pós-graduação até então sempre adiada.

2. A pós-graduação

Em 1990 afastei-me da Fundação SEADE, mas já havia ingressado no Programa de Pós-Graduação junto à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, área de Ciência da Comunicação/Biblioteconomia, em agosto de 1989. Quase que simultaneamente, prestei concurso interno e fui contratada como docente da área de Análise Documentária no mesmo Departamento.

Como aluna de pós-graduação, cursei disciplinas variadas, enfrentando o desafio de abraçar percursos teóricos nunca antes imaginadas. Da análise do discurso, para a análise de textos segundo o pensamento de Gardin, da Lingüística para a Semântica Textual, complementada pela Metodologia de pesquisa e tantas outras. Tive o prazer de ser aluna de excelentes professores, dos quais destaco o Prof. Gardin, e de conviver com as Profas.

Johanna W. Smit (que viria a ser minha orientadora no Mestrado), Maria de Fátima Tálamo, Nair Y. Kobashi e Anna Maria Cintra, cujas aulas ou discussões me abriram novos horizontes de trabalho. Elas são responsáveis pelo amadurecimento de minha proposta inicial de trabalho: de um trabalho concreto, de início, e fora dos propósitos de uma pós-graduação - a construção de um tesouro - cheguei ao Mestrado, em 1993, pesquisando problemas relacionados à significação colocada em jogo no processo de representação documentária.

A Lingüística foi, para mim, uma descoberta fantástica, já que comecei a ver nela o instrumental necessário para encaminhar soluções na área de construção de instrumentos de representação. A paixão pela Lingüística também esteve refletida no meu Doutorado. Sob a orientação do Prof. Teixeira Coelho, que me instigou a questionar parâmetros cômodos e seguros, continuei tendo como núcleo central de meu trabalho o problema da representação, agora buscando referências em outros universos como a Filosofia e a Semiótica. Essa foi a chance de revisitar a Lingüística sob perspectivas apenas embrionariamente tocadas no Mestrado: Saussure e Greimas, pelos olhos de Edward Lopes, Eco e Dascal, foram minhas fontes principais.

A partir dos questionamentos do Prof. Teixeira me atrevi a incursionar em teorias e metodologias contemporâneas que enfatizam a relatividade de nossas representações. Sofri muito para ler Rorty (ainda tenho dúvidas sobre a habilidade de escrever e de fazer-se entender dessa pessoa), uma vez que não dispunha de uma base teórica filosófica suficiente para fazê-lo. Encontrei em Boaventura Santos o olhar prudente para ler Rorty. Sorte minha: textos inteligentes, consistentes e bem escritos, a revelar o equilíbrio entre propostas!

Minha teimosia em enfrentar linhas de pensamento tão díspares me ajudou a crescer muito, particularmente no trabalho de recuperação de literatura da minha própria área - a Documentação - muitas vezes superficial e exclusivamente empírica. Boaventura Santos me fez enxergar que o discurso do senso comum também pode ser uma forma de saber, ao contrário do que afirmava o pensamento científico tradicional e positivista. Pude

verificar a possibilidade de repensar as contribuições empíricas da Documentação, procurando recuperá-las a partir de uma perspectiva de racionalidade.

Creio que o período compreendido entre 1989-1999 (dez anos!) significou para a minha vida pessoal, um salto de qualidade. Embora tenha voltado à escola só depois de 16 anos, considero que a experiência profissional foi muito importante para alavancar meu desenvolvimento teórico. Por um lado, pude refletir sobre o trabalho concreto com a informação que havia desenvolvido de 1973 até 1989; por outro, essa vivência me ajudou a testar novas metodologias.

Refere-se ao período de pós-graduação a maior parte de minha produção escrita, seja fruto das reflexões que desenvolvi individualmente a partir das disciplinas cursadas, seja das discussões conjuntas realizadas no Departamento dentro da linha de pesquisa Análise Documentária. Minha tese de Doutorado, sob a orientação do Prof. Teixeira Coelho, perseguiu caminho semelhante, enfatizando a pesquisa dos fundamentos implícitos ou explícitos das hipóteses organizadoras das Linguagens Documentárias.

Como se pode verificar no *curriculum*, a produção científica desta fase persegue invariavelmente a mesma questão - a representação em contextos documentários - variando apenas o foco de observação. Além dos trabalhos individuais, tive o privilégio de participar da produção do Grupo Temma. O trabalho coletivo foi objeto de várias comunicações em eventos científicos da área de Documentação e de Terminologia. A sistematização de muitas dessas reflexões resultou num livro do grupo - o "Para entender as Linguagens Documentárias", que viria a se constituir numa referência para o trabalho com os nossos alunos da graduação.

3. O ensino

Em 1989, estreei na graduação da Biblioteconomia na ECA-USP, assumindo a disciplina Representação Temática. Já havia passado rapidamente pela docência nas Faculdades

Teresa D'Ávila, ministrando Bibliografia. Confesso que demorei um bocado para ganhar confiança no meu trabalho e tirar partido do que conhecia. Essa insegurança teve sua vantagem: para dar aulas, investi com muita intensidade no estudo das linguagens documentárias, o que veio a influenciar, além da docência, meu trabalho de pesquisa. Estudei muito, pesquisei bastante e refleti mais ainda.

Das disciplinas que tenho sob minha responsabilidade, algumas delas são tradicionalmente voltadas a instrumentos de conversão documentária, particularmente os 'Sistemas de Classificação Bibliográfica'. Não é raro encontrar nos alunos uma ansiedade muito grande em relação ao manuseio desses códigos, uma vez que estes são muito utilizados pelas bibliotecas. Parto do princípio, porém, que a Universidade não é o lugar de treinamento, razão pela qual procuro trabalhar esses códigos a partir da discussão de sua estrutura e de seus princípios de organização. Nessa medida, exercícios de uso dos sistemas de classificação não constituem a maior ênfase do curso, mas sim o reconhecimento comparativo de suas características, as regras mínimas para seu funcionamento e sua adequação em relação a determinados propósitos.

Tenho experimentado propor exercícios de organização da informação relativa a universos diferenciados e distintos daqueles usualmente encontrados nas Bibliotecas, supondo que o aluno deve ter condições de criar seu próprio instrumental a partir de referências teórico-metodológicas. Menciono, como exemplo, a proposta de organização de índices de manuais e catálogos, ou a criação de estruturas de sites para a Internet, explorando o fato de que o que distingue a atividade documentária é o tratamento da informação para que sua transferência seja efetivada. Ao propor formas de organização para universos variados, procuramos trabalhar princípios de organização de conceitos baseados na Lingüística, Lógica e Terminologia, ao mesmo tempo que levamos em consideração os objetivos visados e as especificidades das mídias onde serão veiculadas as informações. A apresentação dos produtos documentários não fica, então, limitada à reprodução de formas de organização centradas no enunciador, mas, na medida do possível (já que não dispomos de metodologias consistentes para realizar pesquisas de usuários), procura considerar objetivos específicos que variam institucionalmente.

De fato, verifica-se que os tradicionais sistemas de classificação acabam trabalhando mais com a idéia de preservação do que de circulação, já que supõem que esta última obedece a princípios universalmente válidos que não se submetem à variação de contextos e de necessidades. Essa convicção, aliada a ausência de procedimentos e de instrumentos que permitam tratar acervos gerais segundo necessidades de grupos específicos, corrobora à perpetuação do uso de sistemas bibliográficos tradicionais sem quaisquer críticas ou adaptações.

Na base deste caminho está a necessidade de discutir com os alunos uma alteração fundamental de enfoque: os sistemas de classificação estão centrados nas classes; as linguagens documentárias que se preocupam com a transferência da informação, ao contrário, estão voltadas ao objeto. Essa alteração de enfoque põe em evidência o fato de que trabalhando com estruturas fixas de significação (classes universais e invariáveis) não se consegue realizar convenientemente a mediação, uma vez que não se consideram os contextos de uso da informação.

É preciso deixar claro aos alunos que não há modelos genéricos aplicáveis indistintamente a quaisquer universos de informação, a não ser aquele que enfatiza a organização relacional das unidades selecionadas para representar a informação. Nos domínios especializados, as estruturas conceituais das áreas podem referendar as hipóteses de organização; já naqueles onde não há parâmetros claros e estáveis, convém investigar como se estabelecem os vínculos entre os objetivos institucionais e seu público e como este último integra essas informações à sua experiências.

4. A pesquisa

Como de certa forma já enunciei anteriormente, meu ingresso na ECA significou alteração significativa na minha vida. Significativa porque pude, depois de um longo

tempo de trabalho concreto, voltar a estudar. Gostei de voltar a estudar, porque esse é um desafio contínuo. Creio que sou afortunada por poder experimentar a reflexão depois de anos de prática. Mais afortunada, ainda, por poder conviver com um grupo de professores como aqueles do Grupo Temma: admiro sua seriedade do trabalho, seus princípios e a forma como compartilham seus conhecimentos.

Devo muito a esse grupo. Dentro da linha de pesquisa Análise Documentária venho aprendendo continuamente. O enfrentamento das questões documentárias sob a ótica lógico-lingüística representa um avanço relativamente à idéia usual que confunde o trabalho de representação com a reprodução de itens presentes nos códigos tradicionais. Ao contrário, partindo do pressuposto que a informação é sempre uma construção, não se pode admitir a representação como a simples atribuição de designações, sejam elas extraídas diretamente dos textos ou de listas de ocorrências.

A natureza metodológica da Análise Documentária supõe, necessariamente, a construção de parâmetros de trabalho que considerem a palavra como fonte de significação. O investimento para edificar um corpo sistemático para representar documentariamente passa pela assimilação da idéia de que nada significa na ausência de uma estrutura. É necessário identificar *de onde se fala e como se fala* para que se autorize esta ou aquela interpretação.

A Documentação trabalha sobre o conhecimento registrado. Constrói representações sintéticas - que possam funcionar como 'substitutos documentários' - a partir de informações originais (textos, dados estatísticos etc.) para que estas possam integrar sistemas, e serem, assim, localizadas, utilizadas e reutilizadas. A operacionalização de tais sínteses não se faz sem perda semântica: do texto à síntese elaborada dentro do mesmo sistema semiótico; da síntese à sua representação via palavras-chave; as palavras-chave reescritas por uma língua tradutora, controlada, novo sistema semiótico. A autonomia dessa linguagem tradutora representa um rompimento com o texto-fonte.

Corre-se o perigo, pois, de produzir verbalizações absolutamente carentes de sentido, na ausência de regras para construir o novo sistema intermediário de significação.

A especificidade da Análise Documentária é exatamente a de propor método para a construção dessas sínteses através do estabelecimento de referências para que a informação possa ser efetivamente apropriada pelo usuário. Supõe, conseqüentemente, que seus sistemas de significação são próprios - documentários - e que devem ser construídos a partir da assimilação da noção de estrutura lingüística como condição para permitir a produção de sentido.

Acredito que as pesquisas dentro da linha de pesquisa Análise Documentária vem conformando uma outra linha de pesquisa: uma espécie de linha-irmã que, ainda sob o abrigo da primeira, se assemelha parcialmente àquela que Gutierrez denomina Lingüística Documentária. Se a primeira tem como preocupação principal a elaboração da síntese representacional partindo dos textos (textos aqui, de uma forma genérica), a segunda preocupa-se com a construção dos instrumentos de representação externos aos textos, mas que serão utilizados para representá-los. Creio que esse novo ramo de pesquisa deriva do reconhecimento de que são distintas as metodologias que:

- a) apóiam a construção da representação enquanto produto da análise (análise => síntese ==> representação);
- b) sustentam a construção dos instrumentos de 'tradução' (representação ==> tradução).

Ainda que não nomeada desta forma, desenvolve-se no CBD da ECA, um conjunto de preocupações especificamente relacionadas a esse gênero de instrumento de tradução. Vejo-me mais próxima dessa sub-linha (ou linha-irmã), que tem na Terminologia (de domínios ou de atividades) uma referência forte.

Penso, entretanto, que a Terminologia clássica tem se mostrado insuficiente para a abordagem de domínios trans e interdisciplinares ou de domínios em formação e transformação. Tais restrições advém do fato dela ser marcada por parâmetros racionais e pela Teoria da referênia. Disso resulta uma concepção muito rígida de definição, uma tendência a privilegiar a abordagem onomasiológica em detrimento da semasiológica e uma resistência a admitir a polissemia.

A Terminologia clássica é substancialista e acredita na essência como fundamento das unidades de sentido. Tem traços positivistas e, conseqüentemente, postula a busca de parâmetros objetivos de análise à base de uma rígida separação sujeito/objeto. Ela é mais tributária da Filosofia da linguagem do que da Lingüística, o que significa que privilegia antes o pensamento do que a linguagem.

Já a visão de ciência pós-moderna propõe a relativização da separação sujeito/objeto. Substitui a procura pela essência das coisas por uma concepção pragmática de verdade. Esta é, desse modo, aproximada e provisória, avaliada em função de parâmetros práticos de adequabilidade. Sob esse aspecto, a Socioterminologia, com todos os seus problemas, enfrenta com maior flexibilidade a questão quando admite, por exemplo, o questionamento entre a departamentalização entre ciências e técnicas, a separação entre línguas de especialidade e língua geral. A escola canadense, por sua vez, considera, mais que a escola austríaca, a natureza lingüística das construções terminológicas, abrindo a possibilidade de enfrentar com maior propriedade as diversas possibilidades definicionais e suas relações horizontais e diagonais, bem como as variações de designação.

Ao se apropriar das reflexões e propostas da Terminologia, a Documentação deve trabalhar com a hipótese de que as definições são apenas verdades temporárias e circunstanciais, construídas em função de objetivos funcionais. Ao construir linguagens documentárias, a Documentação deve reconhecer que a transformação da objetivação em algo subjetivável passa pela adoção de definições (ou hipóteses reguladoras) que sejam capazes de estabelecer vínculos com seus usuários para que façam sentido e para que sejam efetivamente apropriadas no âmbito das experiências individuais e coletivas.

5. As consultorias na área da informação

Minha vinculação parcial com a Universidade (em regime de tempo parcial até 1993, e em turno completo, até o momento), tem me permitido atender a algumas demandas de

consultoria na área governamental. Atuei como consultora em vários projetos, dos quais destaco aqueles diretamente ligados à constituição de vocabulários. Considero que tais atividades estão simultaneamente sintonizadas com o ensino e com a pesquisa, o que pode ser visto particularmente no meu trabalho de Doutorado.

A participação em atividades de consultoria responde por uma das funções da Universidade: aquela de transferir os resultados de pesquisas teóricas à sociedade. Do mesmo modo, constitui a oportunidade de testar hipóteses de trabalho construídas teoricamente. Reflexos dessas atividades podem se fazer sentir, também, nas atividades de ensino, como por exemplo, quando procuramos instigar os alunos a pensar nas inúmeras possibilidades do trabalho com a organização da informação. De fato, corremos o risco de ficar, na Universidade, muito distantes das necessidades informacionais das comunidades externas, restringindo-nos a experiências ligadas às especialidades acadêmicas ou a elas relacionadas.

Considero que desenvolvi trabalhos significativos para minha vida acadêmica porque relacionados com a construção de linguagens de transferência de informação: a organização de dados estatísticos para sua veiculação em página institucional na Internet, a elaboração do Guia da Oferta de Informações e Sistemas do Estado, a montagem do vocabulário para recuperação de serviços do Poupatempo e a organização do vocabulário de representação do Quadro de Serviços Públicos do Estado.

Nas experiências acima, foi possível testar o uso de parâmetros lógico-lingüísticos para a estruturação de vocabulários de busca, ressaltando-se a necessidade de observar as características da linguagem oficial ao lado da linguagem do cidadão comum, que não tem a obrigação de nomear os serviços na forma dos jargões utilizados pelo serviço público. Essa constatação está registrada em anexo de nossa Tese, quando levantamos a necessidade de estabelecer equivalências entre vocabulários considerando algo que a Terminologia clássica nem sempre considera, mas que a Socioterminologia aponta como fundamental: as referências da linguagem oral.

Pudemos também observar, durante a execução desses trabalhos, a necessidade de constituir categorias de aglutinação de informações. É fato que muitos tesouros nem sempre enfrentam convenientemente a importância da categorização, preocupando-se apenas em estabelecer redes de relações entre os termos a partir do foco das unidades preferenciais. A experiência concreta de organização de vocabulários confirmou a necessidade de categorizar a informação como meio de fornecer conjunções reconhecíveis pelos usuários, a partir das quais ficam facilitados os procedimentos de busca. A categorização constitui, por outro lado, uma abstração, devendo portanto ser utilizada com cuidado em face a públicos que, além das carências por informações básicas para viver em sociedade, têm outros problemas mais básicos de sobrevivência.

A consultoria também nos permitiu experimentar as especificidades do trabalho de organização da informação nas novas mídias. Refiro-me especificamente à definição de formas de navegação em vocabulários na Internet e à comparação dos resultados de busca via *search engines* e via vocabulários controlados. Essas experiências têm sido aproveitadas no ensino, particularmente dentro da disciplina Linguagens Documentárias, onde procuramos trabalhar a organização de informações em *sites* ou enfatizamos a diferença das buscas por palavras e daquelas por conceitos.

6 Comentários finais

Optei por não reproduzir nesta primeira parte muitos dos fatos que estão registrados no meu curriculum vitae. Relendo as duas partes agora, vejo que minha memória foi às vezes seletiva demais. Limito-me, entretanto, a dizer que não dei a ênfase a algo que foi marcante em toda a minha vida profissional e acadêmica, e que faço questão de registrar agora: o trabalho em grupo.

No tempo do SEADE, instituição em que passei boa parte da minha vida e que depois de minha saída me convidou a voltar parcialmente, como consultora, tive a felicidade de

trabalhar sempre em equipe: entre economistas, sociólogos, demógrafos, jornalistas e documentalistas que discutiam conjuntamente problemas de organização e transferência da informação, cresci muito profissionalmente e, principalmente, fiz grandes amigos.

Na ECA, assustei-me novamente com essa possibilidade: custei a acreditar que poderia desenvolver trabalhos em grupo.

Abstenho-me de falar em nomes, já que a memória pode me trair. Agradeço a oportunidade do diálogo permanente com os colegas atuais e passados, meus interlocutores nos bons momentos, mas também naqueles onde dominava a ansiedade e a dúvida.

PARTE B - CURRICULUM VITAE
(circunstanciado)

CURRICULUM VITAE (circunstanciado)

SUMÁRIO

I - Dados pessoais e profissionais

- A - Dados pessoais
- B - Situação funcional na ECA
- C - Situação funcional anterior na USP
- D - Trabalhos profissionais anteriores

II - Formação e Títulos Acadêmicos

- A - Formação básica
- B - Graduação
- C - Pós-graduação
- D - Cursos de aperfeiçoamento
- E - Concursos prestados

III - Atividades didáticas

- A - Atividades didáticas exercidas na Escola de Comunicações e Artes – USP
- B - Atividades didáticas exercidas em outras instituições
- C - Orientação de pesquisa e formação de alunos
- D - Cursos de Atualização e Extensão

IV - Participação em Bancas de TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

V - Participação em pesquisas coletivas

VI - Produção bibliográfica

- A - Resenhas
- B - Catálogos
- C - Livros e Capítulos de Livros
- D - Artigos publicados em revistas nacionais
- E - Artigos publicados em revistas estrangeiras
- F - Resumos publicados em Anais de Eventos
- G - Artigos integrais publicados em Anais de Eventos
- H - Dissertação e Tese
- I - Publicações internas
- J - Apostilas para uso didático
- K - Coordenação de publicações

VII - Entrevistas concedidas

VIII - Participação em Congressos e Seminários

IX - Participação em Conselho Editorial

X - Atividades Acadêmico-administrativas

- A - Na ECA-USP
- B - Fora da USP

XI - Assessoria e Consultoria

XII - Outros

- A - Participação em Grupos de Pesquisa
- B - Participação em Grupos de Trabalho
- C - Participação em Associações de Classe
- D - Parecer editorial
- E - Estágios de graduação

CURRICULUM VITAE

I – DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

A – Dados Pessoais

NOME: Marilda Lopes Ginez de Lara
NACIONALIDADE : brasileira
DATA DE NASCIMENTO: 23/12/49
NATURAL DE: Itapetininga, SP
RG: 4.416.549
CPF: 031159008-05
Título de eleitor: 32636601-59 Zona 002 Secção 0319
CRB/8-1647
(docs. I-A1)

ENDEREÇO: Rua Girassol, 1048, apto. 102
CEP 05433-002 São Paulo, SP
Tel.: (011)814-8081

B – Situação funcional na ECA/CBD:

Contratada como Auxiliar de Ensino, ref. MS-1, 17/11/89, em RTP

Prorrogação por 3 anos do contrato de Auxiliar de Ensino, a partir de 12.08.92
(doc.I-B1)

Alteração da Nomenclatura Funcional, ref. MS-2, em virtude da obtenção do título de Mestre, D.O. 26/05/93
(doc.I-B1)

Prorrogação por 3 anos do Contrato de Trabalho como Prof. Assistente a partir de 23/09/95
(doc. I-B1)

Ingresso no Regime de Turno Completo em 13.07.96
(doc. I-B1)

Prorrogação por 3 anos do Contrato de Trabalho como Prof. Assistente, D.O. de 21/10/98
(oc. I-B1)

Alteração da Nomenclatura Funcional para Professor Doutor, ref. MS-3, em virtude da obtenção do título de Doutor em 24/05/99
(doc I-B2)

C – Situação funcional anterior na USP:

Admitida por concurso como Bibliotecária, Biblioteca do Instituto de Psicologia – jan. 1975 a abr. 1977
 XXX
 (doc. I – D-1)

D – Trabalhos profissionais anteriores:

Biblioteca da Escola Dominicana de Teologia, mar. de 1972 a dez. 1974.
 (Auxiliar de Biblioteca/Bibliotecária)

Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo - Coord. Análise de Dados - Centro de Informação Documentária, abril de 1977 a abril de 1979.
 (Analista de Dados/Documentalista)

Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados. Central de Dados e Referências-CDR, maio de 1979 a maio de 1987.
 (Coordenadora do Núcleo de Apoio Técnico (maio de 1979 a maio de 1987);
 Chefe da Central de Dados e Referências (jun. 1987 a dez. 1989).

Secretaria de Economia e Planejamento – Coordenadoria de Planejamento e Articulação Regional
 Coord. do Núcleo de Informação (mar.- jun. 1995).

II – FORMAÇÃO E TÍTULOS ACADÊMICOS

A – Formação básica

Curso Primário: Instituto de Educação “Peixoto Gomide”, Itapetininga, SP, 1957-1960.
 (s/c)

Curso Ginásial: : Instituto de Educação “Peixoto Gomide”, Itapetininga, SP, 1961-1964.
 (doc. II–A-1)

Curso Colegial: : Instituto de Educação “Peixoto Gomide”, Itapetininga, SP, 1965-1967.
 (doc. II–A-2)

B – Graduação

Bacharel em Biblioteconomia – Curso de Biblioteconomia - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, SP, 1971-1973.
 (doc.II-B-1)

Ciências Sociais – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, SP, 1968-1970, curso não concluído.

(doc.II-B-2)

C – Pós-graduação

Mestre em Ciências, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989-1993.

(doc.II-C-1)

Doutora em Ciências, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1994-1999.

(doc.II-C-2)

D – Cursos de aperfeiçoamento

Information System Planning. Curso ministrado por Maurice Line, durante o 10o.Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Curitiba, XX 1979. 8hs,

(doc.II-D-1)

Treinamento para a implantação do Sistema de Documentação sobre População no Brasil – SEADE/DOCPPOP, promovido pelo Centro Latinoamericano de Demografia – CELADE/Sistema de Documentación sobre Población en América Latina – DOCPAL, com apoio do International Development Research Centre – IRDC, do Canadá, e coordenado por Sandra Acuña. São Paulo, maio-junho de 1982. 40 dias (320hs).

(doc.II-D-2)

Indexação e Linguística. Curso ministrado por Mariângela Spotti Lopes Fujita e Ana Maria Marques Cintra. Promovido pelo CENEVENT, São Paulo, 18 a 22 de out., 1982. 30 hs.

(doc.II-D-3)

Seminário Estadual sobre Política de Arquivos. Promovido pela FUNDAP. São Paulo, 17 a 19 de maio, 1983.

(s/c)

3o. Seminário Brasileiro sobre Informação para o Planejamento. Promovido pelo Centro Latino-Americano de Documentação Econômica e Social, da CEPAL (Chile) e pelo IPEA-IPLAN, sob os auspícios do Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento- IDRC (Canadá). Brasília, 25 a 29/nov. 1985.

(doc.II-D-4)

Curso sobre MICRO-ISIS. Promovido pela Fundação SEADE. São Paulo, 1989.

(s/c)

Seminário sobre Bases de Dados Nacionais: uma abordagem política, realizado pelo Instituto de Informática da Fundação Joaquim Nabuco, de 27 a 29 de junho de 1988. Recife, PE.

(doc.II-D-5)

Seminário "Linguística e Documentação". Ministrado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Moreira Tálamo. Promovido pelo Depto. de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP, mar. a jun. 1990. 64hs.

(s/c)

Seminário Avançado "Linguística Documental, Análise Documentária e Informação Jornalística. Ministrado pelo Prof. Dr. Antonio Garcia Gutierrez, da Universidade Complutense de Madri. Promovido pela Escola de Comunicações e Artes - USP, 19 a 28 de agosto 1991. 15hs.

(doc.II-D-6)

Seminário Avançado "Ciência da Informação - Tendências e Perspectivas". Ministrado por. Tefko Saracevic, da Rutgers University for Information Science, promovido pelo Depto. de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP, 25 a 26.09.91. 9hs.

(doc.II-D-7)

Seminário sobre Recepção aos Meios de Comunicação Social – Sujeito, o lado oculto do Receptor, promovido pelo Depto. de Comunicações e Artes e Depto. de Cinema, Rádio e TV, da ECA-USP, Associação Brasileira de Comunicação – ABÉCOM e Federação Latino-Americana de Escolas de Comunicação – FEFALACs, de 21 a 23.10.1991.

(doc.II-D-8)

Seminário Avançado "Terminologia e Documentação", coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Moreira Tálamo. Promovido pelo Depto. de Biblioteconomia e Documentação, ECA-USP, mar.-jun. 1992.

(s/c)

Sistema de Indexação PRECIS. Ministrado pela Prof. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita, Promovido pelo Depto. de Biblioteconomia e Documentação, ECA-USP, 19 maio 1993.

(doc.II-D-9)

Conferência sobre "Instrumentos de Pesquisa Quantitativa no Campo Cultural", proferida pela psicóloga Beatriz Pires Martins Shayer, da UnB, em 08/jun. 93, a convite do CBD-ECA-USP.

(doc.II-D-10)

Curso de atualização sobre a CDU, ministrado pela Dra. I.C. McIlwaine, editora-chefe da CDU e Diretora da School of Library, Archive and Information Studies, University College London. IBICT, Brasília, 6-7 dez. 1995.

(s/c)

Seminário Redes e Sistemas de Informação e Comunicação, promovido pelo CBD/ECA/USP e INTERCOM, ministrado pelo Prof. Dr. Antonio Garcia Guterrez, da Universidad de Salamanca, promovido pelo Depto. Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP e INTERCOM, 24 abr. 1996.

(doc.II-D-11)

Seminário Metodologias para estruturação de vocabulário e tesouro, promovido pelo CBD/ECA/USP e INTERCOM, ministrado pelo Prof. Dr. Antonio Garcia Guitierrez, da Universidad de Salamanca, promovido pelo Depto. Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP e INTERCOM, 25 abr. 1996.

(doc.II-D-12)

Seminário Avançado de pós-graduação "Ciudad, comunicacion y democracia", ministrado pelo Prof. Dr. Jesús Martín Barbero, da Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, de 18 a 22 ago. 1997, na ECA-USP.

(doc.II-D-13)

Curso "Gestão de Terminologia e Banco de Dados terminológicos", ministrado pelo Prof. Gerhard Budin, membro da ISO - International Standard Organization e prof. da Universidade de Viena, promovido pelo Programa de Pós-Graduação de Filologia. e Língua Portuguesa, FFLCH-USP e CITRAT - Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia - USP, em colaboração com a ABNT/CEET. São Paulo, 1997.

(s/c)

Bibliotecas Virtuais e a abordagem do sense-making, ministrado pela Profa. Brenda Dervin da Universidade de Ohio, promovido pelo CBF-ECA-USP. São Paulo, 1997.

(s/c)

Curso "Terminologia: teorias, metodologias, aplicações, ministrado pela Profa. Dra. Maria Teresa Cabré, da Universidade Pompeu Fabra - Barcelona, promovido pela Fac.Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Area de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, de 10 a 21 de nov. de 1997.

(doc. II-D, 14)

E – Concursos prestados

Concurso público para Professor Auxiliar – Processamento da Informação, realizado no período de 09 a 11 de dez. de 1991, no Depto. de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Aprovada, não tendo assumido as funções.

(doc. II-E-1)

III – ATIVIDADES DIDÁTICAS

A – Atividades didáticas exercidas na Escola de Comunicações e Artes – USP, Depto. de Biblioteconomia e Documentação

1989 – 2o. semestre: Representação Temática I - CBD-204

1990 – 1o. semestre: Representação Temática I - CBD-178

- 1990 – 2o. semestre: Representação Temática I - CBD-179
 1990 - 2o. semestre: Laboratório de Construção de Tesouro - CBD-245
- 1991 – 1o.semestre: Representação Temática I - CBD-178
 1991 – 2o.semestre: Representação Temática II - CBD-179
 1991 - 2o. semestre: Laboratório de Construção de Tesouro - CBD-245
- 1992 – 1o.semestre: Representação Temática II - CBD178
 1992 – 2o. semestre: Representação Temática II - CBD179
 1992 – 2o. semestre: Laboratório de Construção de Tesouros - CBD245
- 1993 - 1o. semestre: Representação Temática I - CBD178
 1993 - 2o. semestre: Representação Temática II - CBD179
- 1994 - 1o. semestre: Representação Temática I - CBD178
 1994 - 2o. semestre: Representação Temática II - CBD179
 1994 - 2o. semestre: Multimeios - CBD-229
- 1995 - 1o. semestre: Representação Temática I - CBD178
 1995 - 2o. semestre: Representação Temática II - CBD179
 1995 - 2o. semestre: Projeto Experimental em Biblioteconomia II - CBD-136
- 1996 – 1o. semestre: Lingüística e Documentação - CBD-227
 1996 - 1o. semestre: Fund. em Bibliot., Document. e C. Inform. - CBD-223
 1996 - 1o. semestre: Estágio supervis. em Bibl.Espec. e Univ. - CBD-231
 1996 – 2o. semestre: Linguagens Documentárias - CBD-177
- 1997 – 1o. semestre: Representação Temática I - CBD178
 1997 – 2o. semestre: Representação Temática II - CBD179
 1997 – 2o. semestre: Linguagens Documentárias - CBD-177
- 1998 – 1o. semestre: Lingüística e Documentação - CBD-263
 1998 – 2o. semestre: Representação Temática II - CBD-259
 1998 - 2o. semestre: Projeto Experimental em Biblioteconomia II - CBD-267
- 1999 – 1o. semestre: Lingüística e Documentação - CBD-263
 1999 – 2o. semestre: Linguagens Documentárias - CBD-261
 1999 - 2o. semestre: Projeto Experimental em Biblioteconomia II - CBD-267

(doc. III- A-1)

B – Atividades didáticas exercidas em outras instituições

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Faculdade de Biblioteconomia e Documentação

- 1996 – 2o. semestre: Lingüística
 1997 – 1o. semestre: Linguagens de Indexação II

- 1996 – 2o. semestre: Lingüística
 1997 – 1o. semestre: Linguagens de Indexação II
 1997 – 2o. semestre: Linguagens de Indexação II
 1998 – 1o. semestre: Lingüística
 1998 – 2o. semestre: Linguagens de Indexação III
 1999 – 1o. semestre: Linguagens de Indexação II
 1999 – 2o. semestre: Lingüística

Fac. Integradas Teresa D'Ávila, Santo André, SP - Curso de Bibliotec. e Documentação.

- 1979 – 2o. semestre: Bibliografia
 (s/c)

C - Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso (CBD/ECA)

- 1991 Análise crítica da literatura brasileira sobre Sistemas de Classificação Bibliográfica, de Érika Amano.
 (doc. III-C-1)
 1993 Utilização do Microisís na América Latina e no Brasil: sistematização de algumas experiências, Maria Cristina de Moraes
 (doc. III-C-1)
 1996/1997 Censura ou liberdade intelectual: simples questão de escolha? de Patrícia Aparecida Nogata Ide
 (doc. III-C-1,2)

D - Cursos de Especialização e Extensão ministrados

Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica: curso ministrado a três turmas do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas São Marcos, 1976.
 (s/d)

Gerenciamento da Informação na Central de Dados e Referências da Fundação Seade: Ciclo de Estudos sobre Gerenciamento da Informação em Bibliotecas Universitárias e Especializadas, promovido pela Associação Paulista de Bibliotecários, 01 de dez. 1990.
 (doc. III-D-1)

Laboratório de Construção de Tesouros, ministrado na Escola de Comunicações e Artes – USP (em conjunto com as Profas. Maria de Fátima Moreira Tálamo, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata), ago./dez. 1992, 64hs.
 (s/d)

A função do texto no processo documentário: definição de metodologias de análise. curso de atualização ministrado no CBD-ECA-USP (em conjunto com as Profas. Maria de Fátima M. Tálamo, Anna Maria Cintra, Sueli Cristina Marquesi, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata). Mar./abr. 1993, 48hs.
 (s/d)

Curso de Aperfeiçoamento Profissional para Bibliotecários, Depto. de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura de São Paulo, jun., set., out. 1993.

Tema: Princípios de Indexação; 20hs, (4 turmas)
(doc. III-D-2)

Princípios para Compatibilização de Linguagens Documentárias, para os profissionais bibliotecários do SIBI- USP, 1994.

Disciplinas ministradas:

Organização Estrutural das Linguagens Documentárias, 4 horas/aula;

Relações Lógicas e Semânticas nas Linguagens Documentárias, 4 horas/aula;

Compatibilização de Linguagens e Normalização de Termos (em conjunto com a
Profª. Dra. Nair Yumiko Kobashi), 4 horas/aula.

(doc. III-D-3)

Curso de Aperfeiçoamento Profissional para Bibliotecários, para o Depto. de Bibliotecas infanto-Juvenis da Secretaria de Cultura de São Paulo, dez. 1994.

Tema: "Indexação e Resumo", 20 horas
(doc. III-D-4)

Curso de atualização em Análise Documentária, ministrado a profissionais bibliotecários, promovido pela Associação Paulista de Bibliotecários, 1995, 20 hs/aula.

(doc. III-D-5)

Análise Documentária: Metodologias de Indexação e Resumo, ministrado a profissionais bibliotecários, promovido pela UFSCar, São Carlos, de 02 a 06 de out., 1995.

(doc. III-D-6)

Análise Documentária: princípios, processos e instrumentos, ministrado a profissionais na UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP, de 05 a 09 de fevereiro, 1996, 30hs/aula.

(doc. III-D-7)

Linguagens Documentárias, ministrado a profissionais da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, de 16 a 20 set. 1996, 8 hs/aula.

(doc. III-D-8)

Atualização em Linguagens de Indexação (total 30hs), ministrado a profissionais da Biblioteca do Memorial da América Latina, de 06 a 23 maio, 1998, 12hs/aula.

(s/c)

Curso de especialização Paradigmas emergentes em serviços informacionais: Gestão, Indexação e Disseminação, Fundação Educacional Formiguense, Escola de Biblioteconomia, Formiga, MG, 14 a 16 jan. 1999 (30hs.)

(s/c)

Curso de pós-graduação (lato senso) Planejamento e gerenciamento de sistemas automatizados de informação, disciplina Indexação em Bases de Dados, módulos Análise Documentária e Indexação e Resumos, Fac. Teresa D'Ávila, Santo André, 1999 (16hs.)
(s/c)

Curso Biblioteconomia e Documentação em revisão, promovido pela FEBAB, tema: Representação descritiva e temática face a novas tecnologias da informação, São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, 10/09/99.
(doc. III-D-9)

IV - Participação em Bancas de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

- 1992 Aluna: Maria Cristiane Barbosa Galvão
Título da pesquisa: Os conceitos dos termos biblioteconomia, documentação e ciência da informação.
(s/c)
- 1992 Aluna: Raquel Aparecida Adornato
Título da pesquisa: O impacto das novas tecnologias e o bibliotecário brasileiro
(s/c)
- 1992 Aluna: Maria Aparecida Laet
Título da pesquisa: A interface Análise Documentária e Lingüística na construção de Linguagens Documentárias.
(doc. IV-1)
- 1996 Roseli Akemi Sakamoto
Título da pesquisa: O mercado de trabalho para bibliotecários autônomos.
(doc. IV-2)
- 1998 Aluna: Maria Fátima dos Santos
Título do trabalho: Ação Cultural: a cultura como elemento integrador e transformador.
(doc. IV-3)
- 1999 Aluna: Margarete Nakamura
Título do trabalho: Comunicação visual em Bibliotecas: panorama geral
(doc. IV-4)

V - Participação em pesquisas coletivas

Título: Análise Documentária e Sistemas Especialistas, sob a coordenação da Profa. Dra. Isabel Ferin Cunha, CBD-ECA-USP, 1990.
(s/c)

Título: A especialidade da Análise Documentária: parâmetros e instrumentos documentários, lingüísticos e lógicos para a elaboração de representações. Pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Maria de Fátima G. M. Tálamo, CBD-ECA-USP, 1992.
(s/c)

VI – PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A – Resenhas:

GOLDHOR, H. *Pesquisa bibliográfica em biblioteconomia e documentação*. Brasília, VIPA, 1973. Resenha publicada no *Boletim da Escola Dominicana de Teologia*, São Paulo, v.1, n.1, 1974.
(s/d)

LARA, M.L.G. de. Resenha: edição crítica de *Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antonio de Almeida, elaborada por Cecília de Lara*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.13, n.1/2, p.115-116, jan./jun.1980.
(doc. VI-A-1)

LARA, M.L.G. de. Resenha: Reformulación de tablas notacionales, de Mario Barite. *R. bras. Bibliotecon. e Doc.*, v.26, n.1/2, p.135-136, jan./jul. 1993.
(doc. VI-A-2)

B – Catálogos:

CATÁLOGO de Publicações da Universidade de São Paulo Expostas na IV Bienal Internacional do Livro, 1976. (Publ. elaborada pela Comissão Organizadora do Stand da USP: Elza C. Granja; Marilda L.G. de Lara; Rosemarie E. Horch e Sylene R. Baccarat)
(doc. VI-B-1)

GUIA de Publicações 1975-1978. São Paulo, Secretaria de Economia e Planejamento, 1978. (Publ. elaborada pela Equipe do CIDOC-SEP-CAD)
(doc. VI-B-2)

C – Livros e Capítulos de Livros:

LARA, M.L.G. de. Aplicação de um modelo de Análise Documentária à literatura sócio-econômica. In: CUNHA, Isabel M.R.F., coord. *Análise documentária: considerações teóricas e experimentações*. São Paulo, FEBAB, 1989. 191p. p.131-181.
(doc. VI-C-1)

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de & KOBASHI, N.Y. *Para entender as linguagens documentárias*. São Paulo, Polis/APB, 1994.

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. DE & KOBASHI, N.Y.
Linguagens documentárias e Terminologia. In: ALVES, I.M., org. *A constituição terminológica no Brasil*. São Paulo, FFLCH-USP/CITRAT. (Cadernos de terminologia, 1), 1996.
(doc. VI-C-3)

D- Artigos publicados em revistas nacionais:

CIOFFI, Sylvia e LARA, Marilda L.G.de. Automação de bibliotecas: problemas para discussão. *Palavra-Chave*, São Paulo, n.6, p.7-8, maio de 1987.
(doc. VI-D-1)

LARA, M.L.G. de. Divulgação de informação sócio-econômica. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.1, n.2, p.101-102, jul./set. 1987.
(doc. VI-D-2)

CIOFFI, S. e LARA, M.L.G. de. Retomando um velho tema: o mito da neutralidade na análise documentária. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.3, n.1/2, p.92-95, jan./jun. 1989.
(doc. VI-D-3)

GUIZZARDI FILHO, O. e LARA, M.L.G. de. Quem é o homem do campo no Estado de São Paulo. *Mercado Global*, n.77, p.36-39, mar./abr. 1989.
(doc. VI-D-4)

TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de; KOBASHI, N.Y. & AMARO, R.K.O. Análise documentária: definição de sua especificidade no contexto da ECA. *Rev. Comunicações e Artes*, São Paulo, v.16, n.27, p.31-32, 1992.
(doc. VI-D-5)

TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de & KOBASHI, N.Y. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. *Ciência da Informação*, v.21, n.3, p.197-200, 1992.
(doc. VI-D-6)

LARA, M.L.G. de. Linguagens documentárias, instrumentos de mediação e comunicação. *R. bras. Bibliotecon. e Doc.*, v.26, n.1/2, p.72-80, jan./jul. 1993.
(doc. VI-D-7)

LARA, M.L.G. de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise as linguagens documentárias. *Ciência da Informação*, v. 22, n.3, p.223-226, 1993.
(doc. VI-D-8)

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de & KOBASHI, N.Y. Do termo ao descritor. *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, v.17, n.18, p.75-82, 1994.
(doc. VI-D-9)

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. DE & KOBASHI, N.Y.
Informação: do tratamento ao acesso e utilização. *Comunicação e Educação*: revista do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais, São Paulo, v.1, n.1.

p.15-20, set./dez., 1994.
(doc. VI-D-10)

TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. DE & KOBASHI, N.Y. Vamos perseguir a informação. *Comunicação e Educação*: revista do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais, São Paulo, v.2, n.4, p.52-57, set./dez., 1995.
(doc. VI-D-11)

LARA, M.L.G. de. Representação documentária e comunicação. *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, v.20, n.32, p.73-79, set./dez. 1997.
(doc. VI-D-12)

LARA, M.L.G. de. A arquitetura de sistemas de informações estatísticas na Iternet. *São Paulo em Perspectiva*, v.12, n.4, p.99-104, out./dez.1998 (No. especial, Comunicação e Informação).
(doc. VI-D-13)

E – Artigos publicados em revistas estrangeiras:

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de & KOBASHI, N.Y. & AMARO, R.K.O.F. La interface análisis documental, lingüística documental y terminología. *Cuadernos de ADAB*, Universidad de Salamanca, v.1, n.2, p.382-388, 1993.
(doc. VI-E-1)

F – Resumos publicados em Programas de Eventos:

TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G.; KOBASHI, N.Y.; LIMA, V.M.A. Instrumentos de controle terminológico: limites e funções (resumo). In: *Programa Oficial do II Simpósio Latino-americano de Terminologia*. Brasília, 10-14 set. 1990.
(doc. VI-F-1)

CINTRA, A.M.M.; TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de e KOGASHI, N.Y. Do termo ao descritor: estudo exploratório. *ANAIS da 45a. Reunião Anual da SBPC - Comunicações*. Recife, v.2, p.828., 1994.
(doc. VI-F-2)

LARA, M.L.G. de. Estudo do vocabulário de Políticas Culturais. *Resumos do I Simpósio Científico do Campus de Marília*. Marília, UNESP, 1995. p.15.
(doc. VI-F-3)

LARA, M.L.G. de. Metodologia para a construção de Linguagem Documentária para a área de Políticas Culturais. **RESUMOS**. II Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia, Valinhos, 22-24 nov. p.23, 1995.
(doc. VI-F-4)

G - Artigos integrais publicados em Anais de Eventos:

- LARA, M.L.G. de et al.. A Central de Dados e Referências e a implantação da Base de Dados de Informação Bibliográfica Sócio-Econômica. In: *ANAIS. SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO*, 1, 4 a 7 dez. 1984. p.24-30.
(doc. VI-G-1)
- LARA, M.L.G. de. A Central de Dados e Referências e a disseminação da informação sócio-econômica. In: *ANAIS. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 14, Recife. 20-25 set. 1987. v.1, p.82-93.
(doc. VI-G-2)
- TÁLAMO, M.F.G.M.; LARA, M.L.G. de & KOBASHI, N.Y. Instrumentos de controle terminológico: limites e funções. In: *ANAIS do II Simpósio Latinoamericano de Terminologia*. Brasília, IBICT; Paris, União Latina, 1992.
(doc. VI-G-3)
- LARA, M.L.G.de. A CDU ante as demais linguagens documentárias e outros sistemas de organização do conhecimento. In: *ANAIS do Simpósio Estado atual e perspectivas da CDU, 1: organização do conhecimento e sistemas de classificação*. Brasília, IBICT, 1996.
(doc. VI-G-4)
- KOBASHI, N.Y. e LARA, M.L.G. de. Serviços públicos de informação: aspectos comunicacionais e terminológicos. In: *Annales*, Congreso Internacional de Información Científica y Técnica - INFO 99, promovido pelo Centro de Información Técnica y Científica, Ciudad de La Habana, Cuba, out., 1999 (publicação em CDRom).
(doc. VI-G-5)
- LARA, M.L.G.de. Parâmetros lingüístico-comunicacionais para a representação e busca de informações na Internet. In: *Annales*, Congreso Internacional de Información Científica y Técnica - INFO 99, promovido pelo Centro de Información Técnica y Científica, Ciudad de La Habana, Cuba, out., 1999 (publicação em CDRom).
(doc. VI-G-6)

H – Dissertação e Tese:

- LARA, M.L.G. de. *A representação documentária: em jogo a significação*. São Paulo, ECA-USP, 1993. (Dissertação de Mestrado).
(doc. VI-H-1)
- LARA, M.L.G. de. *Representação e Linguagens Documentárias*. São Paulo, ECA-USP, 1999. (Tese de doutorado).
(doc. VI-H-2)

I - Publicações internas

1964/1979: Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo: produção bibliográfica. Ed. preliminar. (como integrante da Equipe do CIDOC-SEP-CAD) (doc. VI-I-1)

LARA, M.L.G. de. *A leitura documentária*: algumas considerações. São Paulo, ECA-USP. p.53-65. (Cadernos de Análise Documentária, 1), 1994. (doc. VI-I-2)

J – Apostilas para uso didático:

LARA, M.L.G. de. *COLON CLASSIFICATION*: esquema com os principais conceitos. São Paulo, ECA-USP, 1992 (Apostila). (doc. VI-J-1)

LARA, M.L.G.de. *Sobre as classificações facetadas: a visão de Maniez*. Trad. livre para uso didático de parte da tese de J. Maniez, *Le role de la syntaxe dans les systèmes de recherche documentaire, de J. Maniez, 1976*. São Paulo, ECA-USP, 1994.(Apostila) (doc. VI-J-2)

LARA, M.L.G. de. *Classification Research Group* (apostila). São Paulo, ECA-USP, 1994. (doc. VI-J-3)

LARA, M.L.G. de. *O sistema de classificação da Library of Congress*: características principais. São Paulo, ECA-USP, 1995 (apostila). (doc. VI-J-4)

LARA, M.L.G. de. *Algumas anotações sobre o Dewey Decimal Classification, 20.ed.* : esquema para uso didático. São Paulo, ECA-USP, 1995 (Apostila). (doc. VI-J-5)

LARA, M.L.G. de. *LC Subject Headings*, 18a.ed. Trad. livre resumida para uso didático (apostila). São Paulo, ECA-USP, 1996. (doc. VI-J-6)

LARA, M.L.G. de. *Elementos para a descrição de léxicos documentários*. Tradução para uso didático (GARDIN, J.-C. Éléments pour la description des lexiques documentaires. *Bulletin des Bibliothèques de France*, 1966, p.171-182). São Paulo, ECA-USP, 1997 (Apostila). (doc. VI-J-7)

LARA, M.L.G. de. *Conceitos e sistemas de conceitos*: contribuições da Terminologia para a organização das Linguagens Documentárias. São Paulo, ECA-USP, 1997 (apostila). (doc. VI-J-8)

LARA, M.L.G. de. *Ferramentas de busca/search engines*, São Paulo, ECA-USP, set. 1998. (apostila).
(doc. VI-J-9)

LARA, M.L.G. de. *Roteiro básico para introdução às Linguagens Documentárias* (apostila). São Paulo, ECA-USP, 1999.
(doc. VI-J-10)

K - Coordenação de publicações:

FUNDAÇÃO SEADE. *Brasil/São Paulo: uma comparação sócio-econômica*. São Paulo : SEADE. 1987.
(s/c)

FUNDAÇÃO SEADE. *Relação de nomes, cargos e endereços do Governo do Estado de São Paulo*. 11a.ed. São Paulo : Fundação SEADE, 1987.
(s/c)

FUNDAÇÃO SEADE. *Relação de nomes, cargos e endereços do Governo do Estado de São Paulo*. 12a.ed. São Paulo : Fundação SEADE, 1988.
(s/c)

VII - ENTREVISTAS CONCEDIDAS:

- 1991 Entrevista sobre "Biblioteconomia: profissão de mulheres?", concedida ao Jornal das Bibliotecas, n.6, publicação da Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo.
(doc.VII-1)
- 1996 Entrevista ao jornal "O Estado de São Paulo" sobre estágios curriculares em Biblioteconomia. (17.03.96)
(doc.VII-2)
- 1996 Entrevista sobre classificação de livros em bibliotecas. Perguntas superintrigantes: Como é feita a classificação de livros nas bibliotecas? *Super Interessante*, v.10, n.12, dez. 1996.
(doc. VII-3)

VIII - PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

- 1972
1o. Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação, promovido pela 11a. Bienal Internacional do Livro e coord. pelo Instituto Nacional do Livro, São Paulo, jun. 1972.
(doc. VIII-1)

1979

10o. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Curitiba, 22 a 27 de julho, 1979.

(doc. VIII- 2)

3o. Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras, Curitiba, 23 a 27 de julho, 1979.

(doc. VIII-3)

1984

I Seminário de Participação dos Servidores e Funcionários na Administração Pública Estadual, São Paulo, 18-19 jun., 1984.

(doc. VIII-4)

1o. Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de Documentação, São José dos Campos, 4 a 7 de dez., 1984.

. *Apresentação de trabalho* (co-autoria): "A Central de Dados e Referências e a implantação da Base de Dados de Informação Bibliográfica Sócio-Econômica".

(doc. VIII-5 e 5a)

1987

14o. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Recife, de 20 a 25 de set., 1987.

. *Apresentação de trabalho*: "A Central de Dados e Referências e a disseminação de informação sócio-econômica".

(doc. VIII-6)

1988

Congresso de Biblioteconomia e Ciência da Informação - COBIB, promovido pela Associação Paulista de Bibliotecários, São Paulo, de 15 a 18 de ago. 1988.

. *Apresentação de trabalho*: "PERI-CDR: arquivo referencial de coleções de periódicos utilizando o software Micro-ISIS.

(doc. VIII-7a)

1988

Congreso Internacional de Información Científica y Técnica - INFO 88, promovido pelo Centro de Información Técnica y Científica, Ciudad de La Habana, Cuba, de 17 a 22 de out., 1988.

. *Apresentação do trabalho* (co-autoria - Sylvia Cioffi): "Disseminação da informação sócio-econômica e as possibilidades do uso da informática: a experiência da Central de Dados e Referências.

(doc. VIII-8)

1990

II Simpósio Latino-Americano de Terminologia/ I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica, promovidos pelo IBICT, Brasília, de 10 a 14 de set. de 1990.

. *Apresentação de trabalho* (co-autoria - M.F.M.Tálamo, N.Y. Kobashi, V. Lima): "Instrumentos de controle terminológico: limites e funções"

(doc. VIII-9)

- 1992
 XII Encontro dos Cursos de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Biblioteconomia, promovido pela ECA-USP e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia - ANCIB, de 11 a 13 de março de 1992.
 (doc. VIII-10)
- 1992
 III Simpósio Iberoamericano de Terminología (RITERM'92), San Millán de la Cogolla (Rioja), 1-5 de dez. 1992.
 . *Apresentação do trabalho*: "A interface análise documentária, lingüística documental e terminologia. (co-autoria: M.F.G.Tálamo, N.Y.Kobashi e R. K. Obata
 (doc. VIII-11)
- 1993
 3o. Seminário sobre Classificação e Linguagens Documentárias, promovido pela FEBAB e org. por Hagar Espanha Gomes, Rio de Janeiro, 8-10 dez..1993.(Integrante da mesa da 2a. sessão de comunicações, estudos de caso etc.)
 . *Apresentação do estudo de caso*: O ensino da representação temática na ECA-USP.
 (doc. VIII-12)
- 1994
 IV Simposio Iberoamericano de Terminologia, Buenos Aires, 17-21 out. 1994.
 (doc. VIII-13)
- 1995
 COBIBiii - Congresso de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, promovido e organizado pela Associação Paulista de Bibliotecários/CBD-ECA-USP, São Paulo, 21-24 ago.1995.
 (s/c)
- 1995
 IV ENEBCI - Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovido pela ABEBD - Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação/CBD-ECA-USP. São Paulo, 21-23 ago.1995.
 . Representante do CBD-ECA-USP.
 (s/c)
- 1995
 II Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, promovido pela ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação. Valinhos, 22-24 nov.1995.
 . *Apresentação do trabalho*: Metodologias para a construção de Linguagem Documentária para a área de Políticas Culturais.
 (doc. VIII-14)
- 1995
 Evento comemorativo dos 100 anos da FID: Classificação Decimal Universal: estado atual e perspectivas. Brasília, IBICT, 04 a 07 dez.1995.
 . *Coordenadora da mesa* "A CDU ante as demais Linguagens Documentárias e outros sistemas de organização do conhecimento.
 (doc. VIII-15)

- 1997
 Encontro Perspectivas do Ensino e da Pesquisa em Ciência da Informação, promovido pelo CBD/ECA-USP, 18 mar. 1997.
 (doc. VIII-16)
- 1998
 VI Simposio Iberoamericano de Terminología, promovido pela Unión Latina, Ciudad de La Habana, Cuba, 19 nov. 1998.
 . *Apresentação do trabalho*: Contribuição da terminologia para organização e divulgação de dados estatísticos na Internet.
 (doc. VIII-17)
- 1998
 I Colóquio Cuba-Brasil de Terminologia: lexico, cultura y desarrollo, Ciudad de La Habana, Cuba, 20-21 nov. 1988.
 . *Apresentação do trabalho* (co-autoria, Nair Y. Kobashi): A linguagem dos serviços públicos de informação institucional.
 (doc. VIII-18)
- 1999
 Congreso Internacional de Información INFO'99, Ciudad de La Habana, 4-8 oct. 1999.
 . *Apresentação do trabalho*: (co-autoria: Nair Y. Kobashi). Public and governmental information services: communicational and terminological problems.
 (doc. VIII-19)
- 1999
 Congreso Internacional de Información INFO'99, Ciudad de La Habana, 4-8 oct. 1999.
 . *Apresentação do trabalho*: Information representation and search in the Internet: communicational and linguistical approach
 (doc. VIII-20)

IX - PARTICIPAÇÃO EM CONSELHO EDITORIAL

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (órgão oficial da FEBAB).
 Editora adjunta (1993-1995)
 (doc. IX-1)

X – ATIVIDADES ACADÊMICO-ADMINISTRATIVAS NA ECA

A - Na ECA-USP

Membro representante da ECA-USP no Conselho Regional de Biblioteconomia (1990, 1992-1993)

Representante dos Auxiliares de Ensino no Conselho de Depto.de Biblioteconomia e Documentação - CBD-ECA-USP (1993)

Representante dos Auxiliares de Ensino na Congregação da ECA-USP, 1993.

Membro da Comissão de Graduação do Depto. de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP (1995).
(doc. X-A-1)

Membro suplente representante dos Mestres no Conselho de Departamento de Biblioteconomia e Documentação, ECA-USP (1996-1998).
(doc.X-A-2)

Participação no Projeto “Universidade e as Profissões”, promovido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária: recepção, monitoria e palestra para estudantes de 2o. grau, na ECA-USP.(1995)
(doc.X-A-3)

B - Fora da USP

Vice-chefe do Depto. da Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Sociologia e Política de São Paulo, 1977.
(doc. X-B-1)

Membro da Congregação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.
(doc.X-B-1)

XI – ASSESSORIA E CONSULTORIA

Abril Cultural
Assessoria na elaboração de pesquisas bibliográficas para a Abril Cultural - Fascículos "História das Religiões" (1972)
(s/d)

Cid Ferreira Comissária de Despachos
Planejamento de cadastros (1972)
(s/d)

Touring Planejamento
Planejamento de arquivos (1976)
(s/d)

Prefeitura Municipal de São Paulo, Sec. Administração
Projeto de reformulação do Serviço de Informações sobre Processos Administrativos (1989)
(s/c)

Banco Mundial/Sec. Est. Educação

Desenvolvimento do Sistema de Documentação do Projeto Inovações do Ensino Básico (1996)
(s/c)

Fundação SEADE

Desenvolvimento do Vocabulário do Guia de Oferta de Informações e Sistemas do Governo do Estado de São Paulo (1996-1998);
(doc. XI, 1)

Consultoria para desenvolvimento de linguagem para a organização do Banco de Dados da Fundação SEADE para sua disponibilização via Internet (1996-1998);
(doc. XII, 2)

Elaboração e desenvolvimento do vocabulário do Quadro dos Serviços Públicos do Estado de São Paulo (1999)
(doc. XII, 2)

Fundação para o Direito Administrativo - FUNDAP

Desenvolvimento do vocabulário do Guia de Serviços Públicos Sistema para totens multimídia e teleatendimento (Poupatempo) (1997-1998).
(s/c)

Memorial da América Latina

Consultoria para definição de Linguagem Documentária para o acervo da Biblioteca do Memorial da América Latina (1998).
(s/c)

Centro de Referência e Treinamento em AIDS/DST – Secretaria Estadual de Saúde
Projeto de remodelação da Biblioteca (1998).
(s/c)

XII – OUTROS

A -Participação em Grupos de Pesquisa

Membro do Grupo Especial de Terminologia da ABNT/IBICT (Relatora, 1992-1996)
(s/d)

Membro do Grupo Temma, grupo de pesquisa na área de Análise Documentária, instalado na Escola de Comunicações e Artes da USP desde 1989, coordenado pela Profa. Dra. Johanna W. Smit.
(s/d)

B – Participação em Grupos de Trabalho

Membro da Comissão Organizadora do stand da Universidade de São Paulo, para a IV Bienal Internacional do Livro, 1976.
(doc. XI-B-1)

Membro do Grupo de Trabalho de Bibliotecas em Ciências Sociais e Humanas, de 1974 a 1976.

(s/d)

Membro do Grupo de Gerenciamento da Informação do Programa Metropolitano de Saúde, como representante da Fundação SEADE junto à Sec. Estadual de Saúde e a Sec. de Higiene e Saúde do Município de São Paulo, 1984-1985.

(s/d)

Membro do Grupo de Trabalho de Publicações Oficiais da ABNT, 1985.

(s/d)

Membro da equipe de preparação do Seminário de Intercâmbio Município de São Paulo - Toronto, promovido pela Sec. de Planejamento do Município de São Paulo e Prefeitura Municipal de Toronto, Canadá (1988)

(s/d)

Membro do Grupo de Trabalho sobre Metodologias de Informação para o Governo do Estado de São Paulo, como representante da Secretaria de Economia e Planejamento, junto à Secretaria de Governo e Gestão Estratégica, Fundação SEADE, Fundação CEPAM e FUNDAP, 1995.

(s/d)

C - Participação em Associações de Classe

Membro da Diretoria da Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo (1978-1979)

ADUSP – Associação dos Docentes da USP (desde 1990)

ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia

D - Parecer editorial

Parecer editorial para a Editora Federal Fluminense, 1991.

(doc.XI-D-1)

E – Estágios na Graduação

Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", abril de 1972 a set. 1973, 100 hs. mensais

(doc. XI-E-1)